

Pesquisa detalha população de idosos no Brasil para ajudar políticas contra a covid-19

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Rio Grande do Sul é o segundo estado mais pessoas acima de 65 anos. Marcelo Beledeli Grupo com maior risco de letalidade devido à pandemia do novo coronavírus (covid-19), os idosos demandam políticas públicas e ações especiais para prevenir sua infecção pela doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a letalidade entre pessoas de 40 a 49 anos é de 0,4%. De 50 a 59, o risco sobe para 1,3%. Para idosos de 60 a 69 anos, as chances de letalidade aumentam para 3,6%. Entre 70 a 79 anos, é de 8%. Já entre idosos acima de 80 anos, o risco cresce para 14,8%. A fim de informar e dar insumos à sociedade para poder entender os desafios de proteger essa parcela da população, a Fundação Getulio Vargas (FGV), através de seu centro de política social (FGV Social) lançou a pesquisa “Onde estão os idosos?”, que dimensiona a população acima de 65 anos no Brasil e analisa os impactos sociais do covid-19 sobre esse grupo. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, compilados pelo FGV Social, em 2018 o Brasil possuía 10,53% de sua população com 65 anos ou mais de idade, um aumento de aproximadamente 20% em relação à taxa registrada em 2012. O estado com maior taxa de idosos é o Rio de Janeiro (13,06%), seguido pelo Rio Grande do Sul (12,95%), São Paulo (11,27%) e Minas Gerais (11,19%). A capital fluminense é a que possui maior percentual de moradores acima de 65 anos (14,5%), e também possui a periferia metropolitana com a maior taxa (11,9%). Em seguida, vem Porto Alegre (14,05%) e sua região metropolitana (10,67%). O estudo aponta que as pessoas com mais de 65 anos representam 19,3% das pessoas de referência dos lares, ou chefes de família, responsáveis pelo sustento de todos que vivem em seus domicílios. Como seria de se esperar, quase a totalidade dos avós são idosos (91,5%) mas também boa parte dos sogros ou sogras (69%) e dos pais e mães (61,2%) também estão neste grupo de risco. Segundo o texto do economista e diretor do FGV Social, Marcelo Neri, coordenador da pesquisa, isso sugere uma dificuldade na política de isolamento domiciliar. Por outro lado, domicílios com idosos são 25,6% menores em números de pessoas do que a média brasileira. Além disso, pessoas de 65 anos ou mais representam 16,42% da parcela dos 10% mais ricos da população, e são apenas 4,26% entre os 40% mais pobres. Assim, os idosos são mais presentes nas classes mais abastadas, representado 15,54% da AB e 13,07% da C. Segundo a pesquisa do FGV Social, esse grupo também é menos exposto à pobreza: apenas 2,37% do total de idosos, contra 11,5% da média nacional ou 20,29% das crianças de 0 a 4 anos. De acordo com Neri, esses números são explicados pela abrangente rede de proteção social oferecida aos idosos. Eles recebem 59,64% das aposentadorias da previdência social e 40,78% dos Benefícios de Prestação Continuada (BPC), programas que pagam pelo menos um salário mínimo. Porém, praticamente não recebem renda do Bolsa Família (0,89%). Em relação à ocupação, 28,7% dos inativos possuem acima de 65 anos. Entre os ocupados, os maiores percentuais de idosos estão nos empregadores (8,51%) e contas próprias (7,43%). A próxima etapa da pesquisa do FGV Social deverá detalhar o perfil de quem mora com idosos.

